

**MODERNIDADE, MESSIANISMO E ASSIMILAÇÃO
EM *SOLAL*, DE ALBERT COHEN**

**MODERNITY, MESSIANISM AND ASSIMILATION
IN ALBERT COHEN'S *SOLAL***

Luis S. Krausz*¹

Resumo: Este artigo discute o romance *Solal*, do escritor judeu de língua francesa Albert Cohen à luz da trajetória de seu protagonista, que parte da insularidade da comunidade judaica de Cefalônia, na Grécia, em direção à França, onde luta para se integrar na modernidade que o fascina desde a infância. Aos olhos deste protagonista, a modernidade ocidental adquire os contornos de uma espécie de novo Messias, consoante uma crença bastante difundida entre os judeus do século XIX e início do século XX. A trajetória de Solal, assim, torna-se emblemática do destino de toda uma geração e seu desfecho aponta para o caráter trágico deste empenho, fazendo do romance um desmentido do gênero europeu ocidental do romance de formação.

Palavras-chave: Albert Cohen. Modernidade. Messianismo. Assimilação. Romance de formação.

Abstract: This article discusses the novel *Solal* by the French-language Jewish writer Albert Cohen in the light of its protagonist's journey from the insular Jewish community of Cephalonia in Greece to France, where he struggles to integrate into the modernity that has fascinated him since childhood. In the eyes of this protagonist, Western modernity takes on the shape of a kind of new Messiah, according to a belief that was widespread among Jews in the 19th and early 20th centuries. Solal's journey thus becomes emblematic of the fate of an entire generation and its outcome points to the tragic nature of this endeavor, making the novel a refutation of the Western European genre of the *Bildungsroman*.

Keywords: Albert Cohen. Modernity. Messianism. Assimilation. *Bildungsroman*.

Solal, de Albert Cohen, publicado pela primeira vez em 1930, tem a estrutura de um romance de formação. A narrativa acompanha a trajetória de Solal de Solal, garoto judeu da comunidade da ilha grega de Cefalônia, discute e representa seu afastamento da casa paterna e dos rígidos padrões de comportamento que lhe são impostos ali, retrata sua subjetividade nascente e sua busca por um destino que ele supõe lhe ser próprio, na Europa de língua francesa, mas também representa o empenho no sentido da autodeterminação de um jovem que pertence a um povo que

* Luis S. Krausz é professor livre-docente de literatura hebraica e judaica da FFLCH/USP.
E-mail: <lkrausz@usp.br>.

¹ As traduções apresentadas no texto são do autor.

se vê confrontado com uma violência cada vez mais radical. Ao contrário do que se espera de um romance de formação, porém, aqui tudo termina numa grande catástrofe: é um romance de formação judaico moderno, ambientado na Europa do entreguerras e, portanto, um romance de formação sobre a impossibilidade da formação.

No centro da narrativa estão, além do protagonista, a França, e sobretudo a cultura francesa, que exerce um poder mágico sobre Solal. Seu pai é um eminente rabino, conhecido por epítetos como “Príncipe da Diáspora”, “Luz do Exílio” e “Rabino do Mediterrâneo”, um expoente da tradição judaica de erudição textual e de fidelidade rigorosa aos mandamentos bíblicos e aos vários sedimentos de suas interpretações formuladas por ilustres rabinos. Descende de uma família notável de sábios, banqueiros e grandes comerciantes e representa a continuidade de uma linhagem e de uma cultura judaicas cujas raízes se encontram na Espanha medieval. Pelo lado materno, Solal vem de um grande clã de loucos, aventureiros, sonhadores ingênuos, vagabundos e ambulantes, vinculados à França e à língua francesa.

Na verdade, as duas linhagens, a paterna e a materna, têm entre si um parentesco distante: descendem, remotamente, de dois irmãos. A família do pai vem do primogênito; a da mãe, do irmão menor. Referindo-se aos cinco “Valereux de France” – os parentes do lado materno de Solal de Solal – Cohen escreve:

Os cinco amigos eram, de fato, parentes afastados. Eram descendentes dos Solal do ramo mais novo que, após cinco séculos de deambulação por várias províncias francesas, tinham vindo, no final do século XVIII, instalar-se na ilha grega de Cefalônia. De pai para filho, os caçulas Solal continuaram a falar francês entre si. A sua língua, por vezes arcaica, fazia sorrir os turistas franceses que visitavam a ilha. Mas a sua lealdade ao seu amado país e à sua nobre língua era comovente. Nos serões de inverno, os cinco amigos liam Villon, Rabelais, Montaigne ou Corneille em conjunto, para não “perderem o hábito das frases elegantes”, o que trazia lágrimas de ternura e de arrependimento aos olhos de Saltiel ou de Salomon. É claro que os cinco amigos se orgulhavam de ter permanecido cidadãos franceses - como, aliás, alguns dos judeus da Cefalônia. Matatias, Salomão e Saltiel tinham sido, por diversas razões e apesar da sua insistência, dispensados do serviço militar, enquanto Michaël e Mangeclous se orgulhavam de ter cumprido o seu serviço na centésima quadragésima primeira infantaria de Marselha. O janízaro tinha sido um excelente chefe de bateria e Mangeclous um cabo duro.

Embora os cinco desprezassem os judeus da ilha que eram súditos gregos, tinham alguma inveja dos Solal do ramo mais velho. Estes últimos, originários de Espanha, tinham chegado a Cefalônia no início do século XVI. A linhagem mais velha, chefiada pelo rabino Gamaliel, descende do exilarca Judá e chefe de sua linhagem detinha o título de “Príncipe da Dispersão” desde tempos imemoriais. Rica, com palácios em Veneza, no Cairo e em Nápoles, adornada com homens famosos e aventureiros, esta família contava entre os seus antepassados grandes médicos, filósofos (um deles famoso), astrónomos, cortesãos, poetas e cavaleiros hábeis nos torneios. Na biblioteca de Gamaliel havia um retrato de Don Solal ben Gamaliel Solal, primeiro-ministro do rei Afonso de Castela e amigo da rainha.

- Chegou ao meu conhecimento que, desde há algum tempo, somos conhecidos como os Valereux de França”, diz Salomon. Inveja, porque falamos entre nós a língua agradável do nosso longo país, que é como as uvas moscatel... (COHEN, 1958, 23)²

O tema da primogenitura, que ocupa um lugar importante na genealogia de Solal de Solal, ecoa as linhagens bíblicas: Caim e Abel; Ismael e Isaac; Esaú e Jacó. Nas narrativas familiares do livro de Gênesis, o primogênito, a quem a lei bíblica garante direitos especiais, termina sempre preterido, privado de seus privilégios pelo irmão mais jovem. Na história de Solal estão ecos deste mesmo tema: ainda que ele seja filho único, é graças aos expedientes de seu amoroso e aplicado tio materno, Saltiel de Solal, que vem do ramo mais jovem e excêntrico do clã, que Solal é arrancado da influência e dos poderes paternos e lançado de cabeça em sua aventura francesa, vinculada em tudo à família de sua mãe.

É o ramo materno, com sua instabilidade, com seu caráter picaresco, com seus ardis, que predominará na trajetória do jovem, deixando num plano distante, cada vez mais esquecido, as demandas e exigências do pai, assim como os vínculos com a origem grega e a tradição judaica. Este distanciamento, na verdade, diz respeito a outra distância: aquela da França que, vista a partir do provincianismo e da ingenuidade de Cefalônia, ganha os contornos de uma nova terra prometida, à qual Saltiel de Solal anseia por enviar seu amado sobrinho.

² Une parenté lointaine unissait en effet les cinq amis. Ils descendaient des Solal de la branche cadette qui, après cinq siècles de vagabondage dans diverses provinces françaises, étaient venus, à la fin du XVIIIe siècle, s’installer dans l’île grecque de Céphalonie. De père en fils, les Solals Cadets avaient continué de parler entre eux en langue française. Leur langage parfois archaïque faisait sourire les touristes français qui visitaient l’île. Mais cette fidélité au cher pays et à la noble langue était touchante. Durant les soirées d’hiver, les cinq amis lisaient ensemble Villon, Rabelais, Montaigne ou Corneille, pour ne pas « perdre l’habitude des tournures élégantes » - qui faisaient monter aux yeux de Saltiel ou de Salomon des larmes d’attendrissement et de regret. Certes, les cinq amis étaient fiers d’être demeurés citoyens français – comme, d’ailleurs, une partie des Juifs de Céphalonie. Mattathias, Salmon et Saltiel avaient été, pour des raisons diverses et malgré leur insistance, dispensés du service militaire, tandis que Michaël et Mangeclous tiraient vanité de l’avoir accompli au cent quarante et unième d’infanterie à Marseille. Le janissaire avait été un beau tambour-major et Mangeclous un âpre caporal.

Si les cinq regardaient de haut ceux des Juifs de l’île qui étaient sujets hellènes, par contre ils jalouaient quelque peu les Solal de la branche aînée. Ceux-ci, originaires d’Espagne, étaient venus à Céphalonie au début du XVIe siècle. La ligne aînée, à la tête de laquelle était placé le rabbin Gamaliel, avait pour auteur l’exilarque Juda et son chef portait, depuis des temps immémoriaux, le titre de « Prince de la Dispersion ». Riche, possédant des palais à Venise, au Caire et à Naples, ornée d’hommes célèbres et aventureux, cette famille comptait parmi ses ancêtres de grands médecins, des philosophes (l’un d’eux fut célèbre), des astronomes, des courtisans, des poètes et des chevaliers habiles aux tournois. Dans la bibliothèque de Gamaliel était un portrait de Don Solal ben Gamaliel Solal, premier ministre du roi Alphonse de Castille et ami de la reine.

-Il m’est revenu qu’on nous surnomme depuis quelque temps les Valereux de France, dit Salomon. Jalousie, parce que nous parlons entre nous le parler agréable de notre lointain pays qui est comme raisin muscat... (COHEN, 1958, 23)

No início de sua adolescência, Solal se apaixona por Adrienne de Valdonne, a mulher do cônsul francês em Cefalônia e, em meio a um tórrido caso de amor, a leva a abandonar o marido e o casamento. Ambos fogem para a Itália e assim tem início o errático e trágico percurso de Solal na França dos amores de seus antepassados maternos. Adrienne de Valdonne é uma mulher, Solal é o adolescente ardoroso a quem ela inicia nos mistérios do amor – até que ele se torne seu senhor. E o tio Saltiel, juntamente com os demais “Valereux de France”, ampara o sobrinho nessa sua insólita e arriscada aventura.

Para além da feminilidade e da sensualidade, Adrienne de Valdonne representa a França, e a França representa, no imaginário do ramo materno da família Solal, tanto o lugar de uma origem ancestral, exaltada em seu imaginário coletivo, quanto, o país da Revolução, no qual, supostamente, os judeus desfrutam de todos os direitos. Mais do que isto, a França parece ser o lugar no qual a espera messiânica, um dos fundamentos da existência judaica na *galut* desde sempre, está a ponto de se cumprir, enquanto que do próprio Solal tanto seu pai quanto seu tio suspeitam que ele *possa* ninguém menos do que o *attendù*, isto é, o próprio Messias. Tal suspeita parece confirmada por uma quiromante, a quem o tio Saltiel, dado a todo tipo de heresia e superstição, consulta secretamente:

A velha apoiou o queixo peludo na mão da criança, que se deixou contemplar. Estremeceu, beijou a mão de Solal e afastou-se sem responder. Saltiel aproximou-se dela e a interrogou, tremendo de impaciência.

- Homem, tudo o que te posso dizer é isto: a criança tem o sinal.

- Que sinal, ó minha tia infinitamente atenciosa?”, perguntou um Saltiel assustado.

- Ele tem as mesmas linhas nas mãos, as mesmas linhas! disse a velha, entusiasmada.

- Mas as mesmas linhas de quem, de quê, ó setenta e sete vezes maldita, a quem dei um escudo por nada?

- Não te posso responder, judeu”, disse a velha que desapareceu. (COHEN, 1958, 23)³

Segundo David BANON, a espera pelo Messias é “uma espera febril e ansiosa. É uma espera que atesta uma relação com aquilo que não cabe no presente, que é demasiado pequeno

³ La vieille promena son menton velu sur la main de l'enfant qui se laissait contempler. Elle eut un grand tremblement, baisa la main de Solal et s'éloigna sans répondre. Saltiel la rejoignit et l'interrogea, frissonnant d'impatience.

- Homme, je ne puis te dire que ceci : l'enfant porte le signe.
- Quel signe, ô ma tante d'infinie considération ? demanda Saltiel effrayé.
- Il porte aux mains les mêmes lignes, les mêmes ! dit la vieille avec exaltation.
- Mais les mêmes lignes que qui, que quoi, ô septante-sept fois maudite à qui j'ai donné un écu pour rien ?
- Je ne puis te répondre, Juif, dit la vieille qui disparut. (COHEN, 1958, 38)

para o conter. É a espera de Deus ou da duração do tempo.” (BANON, 2012, 14) ⁴ O messianismo judaico, assim, nasce da constatação da distância: a distância entre o mundo tal e qual ele é e o mundo tal e qual foi, ele poderia ou ele deveria ser, nasce do malogro da história e de suas catástrofes e das dissonâncias que fazem parte da condição humana, e da condição judaica em especial: “aparece na consciência colectiva como a reparação de uma perda, a superação de um fracasso ou a promessa utópica destinada a compensar a desgraça atual.” (BANON, 2012, 44) ⁵ Ante a constatação da distância impõe-se uma espera e essa espera é a essência que define a vida na *galut* como uma vida em suspensão, como uma vida fora da história cujo sentido está na espera pelo fim da história.

A obra de Albert COHEN é também uma maneira de narrar essa espera, e de representar a catástrofe da existência judaica no século XX – o século no qual todas as esperanças relativas à era das luzes e do progresso, cristalizadas no século anterior, são desmentidas. O horizonte dos judeus de Cefalônia retratados em *Solal*, porém, ainda não se encontra obnubilado pela história do século XX: a narrativa é ambientada no *fin-de-siècle*, quando o judaísmo europeu já passou pelo Caso Dreyfus, que é a primeira marca visível do desvanecimento do sonho de um sonho de progresso cujos benefícios favoreceriam também os judeus, mas a crença na Europa ainda permanece, para muitos, intacta.

Em especial, a veneração pela França como o país da emancipação, da liberdade e, em certa medida, da *chegada* de um estado de coisas idealizado adquire, entre os judeus do Oriente e do Norte da África um caráter quase religioso. É o que acontece com Saltiel de Solal, para quem a França parece representar o fim da *espera*, da *distância*: há, em sua casa, uma espécie de altar, escondido dos olhos de todos, no qual ficam guardadas, além de uma cópia do Novo Testamento, certas relíquias que dizem respeito diretamente à França e à sua cultura, e todos os dias, junto com suas preces matinais, antes de seu desjejum, ele assovia a Marselhesa:

Então o tio Saltiel tirou um Novo Testamento de um esconderijo, olhou para ver se estava sendo espiado, leu com interesse, suspirou e derramou algumas lágrimas de admiração.

De repente, ao fundo da rua, viu os três acólitos com os dedos no nariz, avisando-o de muito longe para não fazer barulho. (...) Abriu o armário, escondeu os Evangelhos e olhou com orgulho para o seu pequeno tesouro: retratos da sua mãe, de Napoleão e de Racine; livros de Descartes e de Pascal; uma presa de elefante; um mapa de Paris; uma bandeira tricolor e uma lanterna para celebrar o 14 de

⁴ une attente fiévreuse et inquiète. Une attente qui atteste la relation avec ce qui ne peut entrer dans le présent, lequel est trop petit pour le contenir. C'est l'attente de Dieu ou la durée du temps. (BANON, 2012, 14)

⁵ il apparaît dans la conscience collective comme la réparation d'une perte, le dépassement d'un échec ou la promesse utopique destinée à compenser le malheur actuel. (BANON, 2012, 44)

julho; um chapéu de general; os trabalhos escolares de Solal. (COHEN, 1958, 62)⁶

O Novo Testamento, que Saltiel lê às escondidas, apresenta a doutrina cristã sobre a Era Messiânica: o cristianismo se propõe ao mundo judaico como o *fim* da espera. Da mesma maneira, a França revolucionária irrompe na história como o lugar da realização: há um caráter apoteótico na revolução que pretende pôr fim às injustiças, à opressão, instaurando o mundo governado pelo lema *liberte, égalité, fraternité*.

Assim, para Saltiel, seu sobrinho Solal parece destinado à França: não apenas destinado à França, mas, enquanto possível encarnação do próprio Messias, necessariamente vinculado à França que é, ao mesmo tempo, o lugar de uma origem exaltada e, de outro, a realização das promessas do *novo tempo*, representadas por Napoleão, Descartes e Pascal, os apóstolos da boa nova anunciada pelo triunfo do Iluminismo e pelas vitórias militares da revolução. O 14 de julho torna-se, assim, uma data sagrada no sincrético calendário litúrgico de Saltiel; as guerras napoleônicas são entendidas como sinônimos da libertação dos judeus e o mapa da Paris concebida pelo Barão Hausmann é como uma espécie de *civitas dei* moderna, sucedânea de Jerusalém. Sobre a França projetam-se, então, as esperanças relativas ao fim da *espera*.

Se todo o pensamento judaico pós-exílico se estrutura, desde os tempos do cativo na Babilônia, em torno da espera pelo Messias e em torno da distância em relação à Terra Prometida, a irrupção da era messiânica significa o fim desta distância: o Messias voltará a reunir os dispersos de todos os cantos do mundo:

O messianismo só tomou forma durante o período profético e só se cristalizou em reação à condição de exílio. Pouco antes do desaparecimento do reino de Israel, em 722 a.C., e do reino de Judá, em 586 a.C., os profetas anunciaram ao mesmo tempo a catástrofe e a garantia da restauração final. A primeira preocupação era, portanto, reunir os exilados, unir a nação e restaurá-la. (BANON, 2012, 14)⁷

⁶ Puis, l'oncle Saltiel tira d'une cachete un Nouveau Testament, regarde s'il n'était pas espionné, lut avec intérêt, soupira et versa quelques larmes d'attendrissement et d'admiration. Tout à coup, il vit au bas de la rue les trois acolytes qui, le doigt posé sur le nez, lui recommandaient, à une grande distance, de se taire. (...) Il ouvrit l'armoire, y cacha les Évangiles et considéra avec fierté son petit trésor : portraits de sa mère, de Napoléon et de Racine ; livres de Descartes et de Pascal ; une défense d'éléphant ; un plan de Paris ; un drapeau tricolore et un lampion pour fêter le 14 Juillet ; un képi de général ; des devoirs d'école de Solal. (COHEN, 1958, 62)

⁷ Le messianisme n'a pris forme qu'à la période prophétique et ne s'est « cristallisé » qu'en réaction à la situation d'exil. Peu de temps avant la disparition du royaume d'Israël en - 722 et de celui de Judah en -586, les prophètes annonçaient dans un même souffle la catastrophe et l'assurance de la restauration finale. La préoccupation première est donc le rassemblement des exilés, l'unité de la nation et la restauration. (BANON, 2012, 14)

O grande acontecimento do mundo judaico do século XIX é a Revolução Francesa e, com ela, a entrada dos judeus na história por meio da emancipação. A partir da França, o estatuto social e político dos judeus da Europa se modificará radicalmente, a tal ponto que a identificação da França com as promessas messiânicas se torna uma espécie de novo mito judaico. Segundo Michael GRAETZ (1989, 437), “Paris tomou o lugar de Jerusalém; a França, o da terra de Israel; e o processo de emancipação e integração na sociedade francesa foi visto como uma salvação messiânica.”⁸ Na mesma linha, Georges BENSOUSSAN (2020, 22) considera que, no imaginário judaico oitocentista, a França se assemelha ao lugar esperado – e sobretudo ao tempo esperado da redenção: “A partir de então, a França é a nova ‘Terra Prometida’, o lugar da esperança messiânica. [...] O tempo do Messias chegou com esta nova sociedade que, em vez da velha trindade da Igreja, substituía uma outra trindade cujos nomes se podiam ler em todas as paredes: Liberdade! Igualdade! Fraternidade!” (BENSOUSSAN, 2020, 34).⁹

A emancipação judaica que se sucedeu à Revolução Francesa foi vista ao menos por uma parte do mundo judaico com fervor messiânico, como um novo êxodo do Egito. Max Cerfberr, membro do *Consistoire central*, afirma, em 1848: “É a bandeira do Messias que um dia estará aqui para todas as nações do mundo. Hoje, ela é confiada ao povo francês, que merece, mais do que qualquer outro, reunir em torno de si a família humana.”¹⁰ (*apud* BENSOUSSAN, 2020, 48) Terra prometida e tempo messiânico, as luzes do século XIX francês ofuscam o mundo judaico, que passa a entendê-lo como o oposto diametral da distância e da espera que são as marcas do exílio, da *galut*: “Há muitos escritos judaicos que fazem da pátria da Revolução a nova Terra Prometida, e de 1789 a nossa saída do Egito, como escreveu um rabino de Nîmes. A França é agora o farol democrático da humanidade, e os judeus são os seus soldados devotados.”¹¹ (BENSOUSSAN, 2020, 49) Estamos, aqui, no universo mítico da modernidade constituído pela filosofia da história universal, pela ideologia do progresso e pelo utopismo revolucionário, por meio dos quais se pretende reduzir, ou mesmo abolir, a distância entre o mundo tal e qual ele é e o mundo tal qual ele deve ser.

⁸ Paris prenait la place de Jérusalem; la France, celle de la terre d’Israël ; et le processus d’émancipation et d’intégration à la société française faisait figure de salut messianique. (GRAETZ, 1989, 437)

⁹ La France est dès lors la nouvelle « Terre promise », le lieu de l’espérance messianique. [...] Les temps du Messie étaient venus avec cette nouvelle société qui, à la vieille Trinité de l’Église, substituait cette autre trinité dont les noms se lisaient sur toutes les murailles : Liberté ! Égalité ! Fraternité ! (BENSOUSSAN, 2020, 34)

¹⁰ C’est le drapeau du Messie qui sera ici un jour pour toutes les nations du monde. Aujourd’hui, il est confié au peuple français qui mérite, plus que tout autre, de rassembler autour de lui la famille humaine. (BENSOUSSAN, 2020, 48)

¹¹ Les écrits juifs abondent qui font de la patrie de la Révolution la nouvelle Terre promise, et de 1789 notre sortie de l’Égypte, comme l’a écrit un rabbin de Nîmes. La France est désormais le phare démocratique de l’humanité, et les Juifs en sont les soldats dévoués. (BENSOUSSAN, 2020, 49)

O mito da distância é desde sempre fundamental ao judaísmo diaspórico. Associado à lembrança remota dos tempos bíblicos tanto quanto à redenção messiânica, projeta-se sobre o futuro remoto e, ao mesmo tempo, significa a ruptura da história e o retorno à origem. No culto à França e à civilização que se instaura no século XIX, porém, o mito da distância adquire uma dimensão secular e terrena: mais do que uma alegoria, Adrienne de Valdonne é encarnação e materialização de um sonho redentor, é o encontro com o desejado e com o *esperado*, subitamente ao alcance das mãos.

Um encontro casual com a ilustre consulesa, quando Solal ainda é um menino, é o desencadeante daquilo que, pouco tempo depois, se transforma numa história de amor tórrida e avassalador e, ao mesmo tempo, o primeiro passo no caminho que o levará à terra sonhada pelo tio Saltiel:

- Solal olhava com curiosidade para a cidade cristã, com os seus casebres em forma de pirâmide, igrejas retorcidas e vistas com arcadas.
- É a cónsul francesa, vangloriava-se o seu pequeno tio. Madame de Valdonne. Ela não me conhece. Nem eu.
A jovem chamou as crianças.
 - Aude, Jacques!
Saltiel correu para alcançar Solal, que se tinha afastado a toda a pressa. Os gansos passavam com um ar de importância afetada.
Caíram pérolas. Solal baixou-se, apanhou duas pérolas e estendeu-as com um sorriso; mas mudou subitamente de ideias, fechou a mão, guardou o saque e correu para o seu tio estupefato. Apanhou uma pedra e apontou para a menina que tinha vindo a correr ao chamamento da Sra. de Valdonne.
 - Você está louco! O que é que se passou aqui? Você falou com a consulesa? E porque você quer matar a criança, Aude?
 - Eu queria brincar”, disse Solal, com um sorriso meigo. (COHEN, 1958, 12-13)¹²

O roubo das pérolas que caem do colar de Adrienne de Valdonne será rememorado no desfecho trágico da narrativa: é a primeira manifestação do desejo de Solal, pela mulher tanto quanto pela França: as duas coisas, aparentemente, se confundem e se combinam na atração erótica

¹² Solal regardait avec curiosité la ville chrétienne avec ses masures pyramidales, ses églisettes tordues et ses perspectives d’arcades.

- C’est la consulesse de France, se rengorgea le petit oncle. Madame de Valdonne. Elle ne me connaît pas. Moi non plus.

La jeune femme appela les enfants.

- Aude, Jacques !

Saltiel courut por rattraper Solal qui avait pressé le pas. Les oies passèrent avec une importance affectée.

Des perles tombèrent. Solal se baissa ; il ramassa et tendit les deux grains avec un sourire ; mais il se ravisa soudain, ferma la main, garda le butin et courut vers son oncle stupefié. Il ramassa une pierre et visa la fillette qui était accourue à l’appel de Mme. de Valdonne.

- Tu es fou ! Que s’est-il passé ? Tu as parlé à la consulesse ? Et pourquoi veux-tu tuer l’enfant Aude ? J’avais envie de jouer, dit Solal avec un doux sourire. (COHEN, 1958, 12-13)

que nele provocam. Se há uma França remota, enraizada na memória familiar, o mito da França revolucionária reatualiza este universo perdido no passado e lhe empresta as cores de uma modernidade entendida como nova redenção, que se encontra não mais no futuro distante, pelo qual se espera desde sempre, mas no presente.

Vive-se, em Cefalônia, sob o signo do *mito da distância*: nos discursos fantásticos do tio Saltiel e dos demais “Valereux de France”, seus parentes Mattathias, Salomon, Mangeclous e Michaël, a distância transfigura a realidade, e a realidade distante se torna utopia. Ao constelar-se o mito da distância, cuja importância na diáspora judaica é desde sempre crucial, transfiguram-se os lugares onde ainda não se está, ou onde já não se está mais: eles se tornam sucedâneos imaginários da terra tantas vezes prometida e tantas vezes perdida, onde desaparecem os sofrimentos intrínsecos à *galut*, como falsificações palpáveis da Jerusalém do tempo messiânico.

*

Como costuma acontecer com os mitos, esta idealização da França, uma vez constelada, se torna independente, ao menos relativamente, dos fatos e, portanto, permanece não obstante as demonstrações evidentes e repetidas do antissemitismo francês. Como, por exemplo, o infame Caso de Damasco: a 5 de fevereiro de 1840, em Damasco, um frei capuchinho sardo, protegido pela França, o frei Thomas, e seu servente muçulmano, Ibrahim Amarah, desaparecem. As autoridades cristãs acusam imediatamente os judeus e os terem raptado, e esta acusação é também sustentada pelo cônsul francês, o conde Benoît de Ratti-Menton. Vários membros da elite judaica são presos, juntamente com seus filhos, interrogados e torturados, o que causa a morte de dois deles e ferimentos graves nos demais. Além de traumatizar as comunidades judaicas do Oriente, o caso é também um grande choque para o judaísmo francês, que passa a atentar para as condições de vida dos judeus no mundo árabe-muçulmano, mas também para a própria fragilidade dos judeus numa França supostamente livre, porém assolada pelo antissemitismo. Os judeus emancipados da Europa, contudo, mantêm acesa sua esperança, que perdura, pelo menos, até o rumoroso *affaire Dreyfus*, que se estende de 1894 a 1906.

Se o Caso de Damasco é lembrado indiretamente por meio do cônsul francês em Cefalônia, M. de Valdonne, igualmente aristocrata, igualmente antissemita, o *affaire* está presente de maneira marcada na narrativa, mas é soberbamente ignorado por Solal tanto quanto por seu tio Saltiel. A paixão de ambos pela França permanece inabalada: os fatos nada podem diante do mito.

No mesmo dia em que Solal apanha as duas pérolas que caíram do colar de Mme. de Valdonne, chega à ilha de Cefalônia a notícia de que o Capitão Blum (alter-ego de Dreyfus no

romance) foi condenado e neste mesmo dia Mme. de Valdonne se dirige à casa do rabino, para convidá-lo para uma festa benemerente no Consulado da França. A notícia da condenação do Capitão Dreyfus Blum, porém, impede o rabino de participar na festa para a qual foi convidado como representante da comunidade judaica da ilha: bem ao contrário, ele decreta luto e, como na véspera de *Tisha be Av*, esta celebração que rememora o exílio, a distância e as dores da *galut*, na qual os judeus cobrem suas cabeças com cinzas e se sentam no chão da sinagoga, para lamentar o que é por eles percebido como uma grande fatalidade.

É como se a injusta condenação do capitão judeu na França fosse mais um castigo pelas transgressões cometidas pelo povo de Israel: o luto e a lamentação são também maneiras de implorar pela clemência divina.

Gamaliel respondeu, com um sorriso cansado, que teria todo o gosto em pedir ao seu rebanho que contribuísse financeiramente para o comitê, mas acrescentou, com os olhos baixos, que nem ele nem o seu filho poderiam assistir à inauguração: os dolorosos acontecimentos que se desenrolavam em França exigiam meditação e oração constante. A senhora de Valdonne, que era antisemita e acreditava ardentemente na culpabilidade do capitão Blum, aprovou-o com cortesia. Solal decidiu que iria à recepção. Este Blum que não fosse oficial! ¹³ (COHEN, 1958, 40)

Dois dias depois, o oficial de justiça do consulado trouxe três convites. Solal correu a entregá-los ao pai, que os viu e rasgou. No dia anterior, tinha recebido um telegrama anunciando a condenação do capitão Blum. Solal apertou as mãos com força e prometeu a si mesmo que iria à recepção e seguiu o pai até à sinagoga onde teria lugar a cerimônia de contrição. (COHEN, 1958, 41) ¹⁴

Solal franziu suas lindas sobranceiras. Então, não o deixariam ir à festa por causa do tal Blum dos diabos, obviamente um traidor, basta olhar para os seus óculos. (COHEN, 1958, 42) ¹⁵

O rabino Gamaliel e Solal reagem à notícia da condenação do Capitão Blum na França de maneiras diametralmente opostas: o pai permanece fiel à concepção tradicional que vê no arrependimento e na penitência maneiras de reparar as rupturas no pacto; o filho entende a história

¹³ Gamaliel répondit, avec un sourire fatigué, qu'il engagerait volontiers ses ouailles à apporter leur aide financière au comité mais il ajouta, les yeux baissés, que ni lui ni son fils ne pourraient assister à l'inauguration : les événements douloureux qui avaient lieu en France demandaient le recueillement et de constantes prières. Mme. de Valdonne, qui était antisémite et qui croyait ardemment à la culpabilité du capitaine Blum, approuva courtoisement. Solal décida qu'il irait à la réception. Ce Blum n'avait qu'à ne pas être officier ! (COHEN, 1958, 40)

¹⁴ Le surlendemain, l'huissier du consulat apporta trois cartes d'invitation. Solal courut les remettre à son père, qui les regarda et les déchira. Le jour précédent, il avait reçu un télégramme annonçant la condamnation du capitaine Blum. Solal serra les poings, se promit d'aller à la réception et suivit son père à la synagogue où devait avoir lieu le service de contrition. (COHEN, 1958, 41)

¹⁵ Solal fronça ses magnifiques arcs. Ainsi donc, on lui défendait d'aller à la fête à cause de ce Blum du Diable, un traître évidemment, il n'y avait qu'à voir ses lorgnons. (COHEN, 1958, 42)

como assunto puramente humano, pressupõe, ecoando as vozes antisemitas, que o capitão, com seus óculos de judeu, seja um traidor, e permanece inabalável em sua fé na modernidade e em seu amor pela França.

Efetivamente, o *affaire* é talvez a primeira manifestação evidente daquilo que BENSOUSSAN denomina um darwinismo racial que rejeita a herança do Iluminismo: o antisemitismo se torna um cimento cultural e nacional:

O Iluminismo emancipou os judeus, mas ao mesmo tempo desenraizou-os culturalmente e deixou-os indefesos. A dupla face do Iluminismo, que libertava o indivíduo, mas o deixava sozinho, que ao mesmo tempo saciava a sua sede e o alienava. Nem daqui nem dali, sem raízes na Europa das pátrias, o “sinal judeu” permaneceu um sujeito errante. Nas sociedades modernas e inquietas, tornou-se o princípio de uma modernidade corrosiva. (BENSOUSSAN, 2020, 320)¹⁶

A visita da mulher do cônsul francês à casa do rabino é também oportunidade para uma comparação: o esplendor encarnado na consulesa ilumina a família de Solal a partir de um ângulo pouco favorável:

Depois, Solal olhou para a sua mãe atentamente. Os olhos de Raquel, no seu rosto largo e arenoso, brilhavam como carvão esculpido. Porque é que ele se sentia repellido por esta mulher que o olhava com uma clarividência odiosa? Adrienne de Valdonne. Porque é que ela queria ver o rabino? O que é que esta deusa tinha em comum com o homem perverso a quem chamavam Rabino do Mediterrâneo ou Luz do Exílio? (COHEN, 1958, 33)¹⁷

La déesse, como Adrienne de Valdonne é nomeada, põe em relevo a oposição entre o espírito pagão, dominado pelos sentidos e pelo imediato, que vê no fenômeno do mundo a própria divindade e, portanto, pressupõe a inexistência da distância, e a austeridade do judaísmo, que tem como pressuposto a distância entre o Deus criador transcendente e a natureza. As fraturas entre o judeu e o gentio, entre a mãe e a amante, entre o Oriente e a Europa, se tornam evidentes na

¹⁶ Les Lumières avaient émancipé les Juifs mais elles les avaient en même temps culturellement déracinés et laissés sans défense. Double visage des Lumières qui libèrent l’individu mais le laissent seul, qui désaliènent et aliènent autrement en même temps. Ni d’ici, ni de là, sans enracinement dans l’Europe des patries, le « signe juif » demeurerait un sujet errant. Dans des sociétés modernes et anxieuses, il était devenu le principe d’une *modernité corrosive*. (BENSOUSSAN, 2020, 320)

¹⁷ Ensuite, Solal détailla sa mère. Dans la large face de sable, les yeux de Rachel lançaient l’éclat du charbon taillé. Pourquoi avait-il de la répulsion pour cette femme qui le considérait avec une odieuse clairvoyance ? Adrienne de Valdonne. Pourquoi voulait-elle voir le rabbin ? Qu’y avait-il de commun entre cette déesse et ce méchant homme qu’ils appelaient le Rabbin de la Méditerranée ou la Lumière de l’Exil ? (COHEN, 1958, 33)

comparação feita por Solal, que abomina sua mãe e adora Adrienne de Valdonne: segundo Jack ABECASSIS (2004, 36), Solal torna-se a partir daí um “traficante de identidades”, cuja existência é marcada pela fratura entre o judeu e o gentio, entre a mãe e a amante, entre a Ásia e a Europa, uma dessas figuras típicas do judaísmo moderno, que trafegam entre dois mundos sem pertencer a nenhum deles: alguém que repudia o mundo do pai, em seu empenho para ingressar na falsa terra prometida da modernidade pagã.

O mundo do pai, o rabino Gamaliel, é resumido, de maneira muito sumária, no discurso que ele profere no dia em que seu filho, tendo completado 13 anos, atinge a maioridade religiosa e passa a ser obrigado a cumprir as *mitsvót*, os mandamentos divinos, cujo valor é absoluto no contexto da tradição:

Sem esperar qualquer recompensa, age com justiça para que o povo seja glorificado. (Pausa.) Despreza as mulheres e o que elas chamam de beleza. Estes são dois anzóis da serpente. (Pausa.) A caridade é o prazer das mulheres; o caridoso saboreia os vapores da sua bondade; na sua alma secreta, ele proclama-se superior; a caridade é vaidade e o amor ao próximo vem de partes impuras. Os pobres têm um direito legal de propriedade sobre uma parte dos seus bens. (Pausa.) Mais tarde, não se deixeis desencorajar pela nossa deformidade. Somos o monstro da humanidade, pois declaramos guerra à natureza. (COHEN, 1958, 35)¹⁸

Aqui se encontram, resumidos, os princípios fundamentais enunciados no tratado talmúdico *Pirkei Avot*: a lei do pai impõe a distância em relação ao que é sensível e cada uma de suas palavras afasta Solal da França que ele tanto deseja. Em seu amor por Adrienne de Valdonne e em seu amor pela França, Solal rejeita o imperativo judaico da renúncia ao palpável e ao belo: a *déesse* representa a exaltação pagã dos sentidos e das paixões, enquanto a pretensa igualdade da França burguesa, que ele tanto deseja, parece-lhe abrir o caminho para o triunfo do amor romântico e livre, contrário a uma concepção tradicional da relação entre homem e mulher que tem como propósito o casamento, a família e a procriação com vistas à continuidade do judaísmo através do tempo, isto é, o cumprimento de um mandamento divino.

O discurso do pai propõe o sacrifício de todos os valores considerados pagãos: o repúdio aos sentidos é também a vitória do homem sobre a natureza, do humano sobre o animal. O ideal

¹⁸ Sans espoir de récompense agis avec justice afin que le peuple soit glorifié. (Pause.) Méprise la femme et ce qu'ils appellent beauté. Ce sont deux crochets du serpent. Anathème à qui s'arrete pour regarder un bel arbre. (Pause.) La charité est le plaisir des peuples féminins ; le charitable savoure les fumées de sa bonté ; en son âme secrète, il se proclame supérieur ; la charité est une vanité et l'amour du prochain vient des parties impures. Le pauvre a droit légal de propriété sur une partie de ton bien. (Pause.) Plus tard, ne sois pas rebuté par notre difformité. Nous sommes le monstre de l'humanité ; car nous avons déclaré combat à la nature. (COHEN, 1958, 35)

filosófico grego da *ataraxia* sustenta a doutrina filosófica dos *Pirkei Avot*, com sua rejeição à mulher e ao erotismo enquanto um certo grau de ascetismo está na base de uma filosofia judaica que entende a vida humana não como um valor em si mesmo, mas como meio para o cumprimento e a realização dos mandamentos, como tarefa e não como presente. O espírito do epicurismo, abominado pelo pensamento rabínico, nega a possibilidade da transcendência, mas a fé no mundo vindouro é um dos pilares do pensamento religioso dos *Pirkei Avot*.

O judaísmo rabínico abre mão do que se encontra ao alcance dos sentidos em favor da memória de um passado remoto e da esperança de um futuro messiânico, estabelecendo um distanciamento estoico entre lei e natureza ou realidade, e sobretudo entre o espírito e os sentidos. Maimonides afirma:

A realização dos conceitos da razão conduz necessariamente à abstinência da maioria dos prazeres corporais. Com efeito, numa primeira reflexão, é preciso compreender que o cuidado do corpo significa a destruição do espírito, e a destruição do corpo significa o cuidado do espírito. Se o homem persegue os desejos, se deixa a sensualidade triunfar sobre o conhecimento, se faz do espírito um escravo dos desejos até se assemelhar a um animal que só sabe comer, beber e acasalar, então não terá consciência do poder divino, que é o espírito, e continuará a ser um pedaço de matéria flutuando num mar da confusão. (MAIMONIDES, 1966, 35)¹⁹

A modernidade europeia, por sua vez, representa o triunfo de um certo tipo de neopaganismo epicurista. Quanto mais as palavras da lei do pai afastam Solal do mundo secular europeu que ele deseja, mais este se torna atraente a seus olhos. Assim, a questão central da trajetória de Solal é a traição.

A revolta de Solal contra o mundo do pai, seu abandono do legado familiar e seu grande amor pela França não podem ser entendidos fora do contexto de sua revolta contra o fundamento do mundo de sua origem: a confiança na justiça divina. Só uma passagem muito breve do romance trata deste assunto, que não volta a figurar na narrativa, mas que, ainda assim, pode ser considerado como uma de suas chaves:

Aos dez anos, era ainda tão puro, tão cheio de admiração, tão bom; mas a amargura e a preocupação tinham chegado no dia do massacre dos judeus. As

¹⁹ Die Vergegenwärtigung der Vernunftbegriffe führt notwendig zur Enthaltung von den meisen leiblichen Genüssen. Denn beim ersten Nachdenken muss man sich vergegenwärtigen, daß die Sorge für den Leib Zerstörung des Geistes, die Zerstörung des Leibes Sorge für den Geist bedeutet. Jagt der Mensch den Gelüsten nach, läßt er die Sinnlichkeit über die Erkenntnis siegen, macht er den Geist zum Sklaven der Gelüste, bis er dem Tier gleicht, das nur Essen, Trinken und Paarung kennt, dann wird er sich der göttlichen Kraft, und das ist der Geist, nicht bewußt, und er bleibt ein Stück Materie, schwimmend im Meere des Wirrsals. (MAIMONIDES, 1966, 35)

saias das mulheres assassinadas tinham sido levantadas; os cérebros das crianças estavam nos riachos; os úteros estavam cheios de buracos. Ele sorria com cansaço e uma ciência nos olhos. E a sua mãe, que desde então estava sempre com medo; a sua odiosa prudência; esse ignóbil hábito da desgraça. Mais tarde, seria ele também perseguido? (COHEN, 1958, 49)²⁰

Como acontece em outros contextos de massacres judaicos, o *pogrom* em Cefalônia põe em xeque os fundamentos de uma fé que tende a ver a história como desdobramento da vontade divina, e já não é mais capaz de dar conta do que se passa com os judeus. A questão da teodiceia, tão antiga quanto o próprio livro de Jó, se escancara com a violência dos *pogroms*, que se multiplicam no mundo judaico europeu desde as últimas décadas do século XIX. Este episódio, lembrado na narrativa quase que como uma nota de rodapé, pode ser entendido como desencadeante da ruptura do pacto logo levada a cabo por Solal: a questão da responsabilidade sobre a ruptura se coloca de forma especialmente dolorosa para os judeus modernos que, ante o crescimento exponencial da violência antissemita, se veem confrontados com o abandono de Deus. Na paixão de Solal por Adrienne de Valdonne, então, somam-se o desejo de conquista do mundo, a recusa em submeter este mundo às abstrações impostas pela lei judaica e o abandono do gueto, mas também, e cada vez mais, o confronto direto com uma modernidade que, sob a capa dos discursos republicanos, mal oculta seu antissemitismo.

Não tendo convite para participar na festa no consulado, já que seu pai rasgou os que lhe foram enviados pela consulesa, Solal rouba o de seu professor particular de francês, depois de lhe desferir um golpe na cabeça, que o deixa desacordado.

Como convém a um herege, se as portas do futuro não se abrem para Solal, ele as arromba.

*

O romance de formação tem como desencadeante o fenômeno da passagem: a mudança de estatuto do protagonista, que deixa sua origem e parte em busca de realização, de descoberta de si mesmo e de *formação* de sua personalidade é o mito heroico encenado nesse gênero típico da era burguesa. No processo de emancipação e assimilação dos judeus, os trajés e a mudança de trajés desempenham um papel central: as roupagens que envolvem os judeus nas diferentes etapas de

²⁰ A dix ans il était encore si pur, si émerveillé, si bon ; mais l'amertume et l'inquiétude étaient venues le jour du massacre des Juifs. Jupes soulevées des femmes assassinées ; cerveaux d'enfants dans les ruisseaux ; ventres troués. Il sourit avec fatigue et une science dans le regard. Et sa mère qui avait toujours peur depuis ce temps-là ; sa prudence odieuse ; cette habitude ignoble du malheur. Plus tard, serait-il un traqué lui aussi ? (COHEN, 1958, 49)

seu percurso em direção à modernidade burguesa representam as transformações de suas ideias e também de seu estatuto no contexto dos novos estados nacionais.

Amparado pelo tio Saltiel, Solal se veste como cavaleiro ao dar o primeiro passo em sua trajetória heroica e pretende, com sua roupa e com sua montaria, seduzir a mulher amada. É assim que ele se dirige, numa noite, à casa de Adrienne de Valdonne, para possuí-la pela primeira vez:

Como ela se riu dele quando ele chegou no ano passado, a cavalo, com os belos trajes que tinha inventado! E como o rabino se enfureceu quando a mãe lhe falou dos novos trajes e do cavalo! Olhou atentamente para a blusa de linho branco, para o cordão de ouro trançado que a prendia e para as botas macias, e não disse nada. Até pagou o cavalo que comprou a crédito através do seu tio mais novo. O rabino deve gostar muito dele para deixa-lo montar um animal. (COHEN, 1958, 52)²¹

O modelo heroico que Solal adota em suas conquistas amorosas deriva da tradição cavalheiresca francesa, e conjuga o amor cortês e a força guerreira, mas não tem precedentes nem paradigmas na tradição judaica, em que a ideia de virtude não está associada ao triunfo da vontade pessoal sobre a adversidade e sobre os obstáculos, mas, antes, na submissão do indivíduo aos mandamentos.

A modernidade judaica pode também ser vista como tentativa de conjugar dois paradigmas existenciais, duas maneiras de conduzir-se na vida, incompatíveis: aquele heroico, individualista, faustico-titânico, típico dos novos tempos, e aquele legado por uma tradição que entende como virtude a obediência, o cumprimento das *mitsvót*; aquele do herói épico moderno e aquele do judeu que vive a história sob o signo da *espera*.

Solal, assim, encena, com sua aventura amorosa e com sua fuga para a França, um padrão de heroísmo e de rebeldia que em nada corresponde aos paradigmas herdados pela tradição. A atitude diante da mulher recomendada por seu pai no discurso que ele profere no dia da sua *bar-mitzvá*, é a da austeridade e da desconfiança. Quanto a Solal ele se inspira, apoiado pelo tio, nos modelos do amor cortês e dos romances de cavalaria.

Solal pretende ingressar no mundo maravilhoso da modernidade francesa, encarnada na *déesse*, e é por meio do poder que ele exerce sobre as mulheres que avançará em seu caminho na

²¹ Comme elle s'est moquée quand il est arrivé, l'année passée, à cheval, avec le beau costume qu'il a inventé ! Et la fureur du rabbin, le jour où sa mère a parlé du nouveau costume et du cheval ! Il a regardé attentivement la blouse de lin blanc, la cordelière d'or tressé qui la serre et les bottes molles et il n'a rien dit. Il a même payé le cheval acheté à credit par l'entremise du petit oncle. Il faut tout de même que le rabbin l'aime terriblement pour qu'il le laisse monter sur une bête. (COHEN, 1958, 52)

sociedade francesa. Por meio de seu relacionamento com Adrienne de Valdonne, Solal se transforma, adquire novos hábitos e novos valores estéticos. O envolvimento com Adrienne, assim, não é, simplesmente, o envolvimento com uma bela mulher, mas também uma *éducation sentimentale*, uma escola de assimilação, por meio da qual ele adquire a língua e a cultura francesas. Entre mãe e amante, ela dele uma espécie de aprendiz do amor e da mundanidade, e tudo o que provém dela é percebido como benéfico:

Quantos benefícios lhe vieram de Adrienne! Foi graças às suas aulas que ele conseguiu ser aprovado na primeira fase dos exames no colégio francês de Atenas. (...)Tantos benefícios! De forma tão discreta, ela ensinou-lhe boas maneiras, orientou-o na compra de livros (...) O que ele mais gosta é quando ela lhe arruma o cabelo. Ela diz que ele tem dez mil pequenas cobras pretas na cabeça. E chama-o Príncipe Soleil ou Solal Ensolarado ou Cavaleiro da Manhã. (COHEN 1958, 53)²²

Não é preciso muito para que a jovem consulesa, infeliz em seu casamento, se torne a amante do jovem e feroso Solal. O pai, ao saber do caso, surra o filho com uma corrente. O tio, por sua vez, fica orgulhoso do caráter leonino do sobrinho. Assim, os dois ramos da família representam atitudes opostas: a ortodoxia intransigente, o autoritarismo, o espírito estoico e a severidade, por um lado; a relativização da tradição, a acomodação às circunstâncias e a tolerância, com a consequente abertura para o mundano e para o moderno, por outro.

Não demora para que Solal fuja de Cefalônia para a Europa com *la déesse*. Gamaliel convoca luto familiar ao saber do ocorrido:

Nessa sala de portadas fechadas, onde crepitavam as luzes esquecidas da noite, Gamaliel ajoelhou-se sobre uma almofada de veludo. Ao seu lado, o ovo cozido que os enlutados comem.
Olhando para as estrelas, quantas vezes pensara que o seu filho era o Esperado. A primeira prostituta no seu caminho e o sem-vergonha tinha-a seguido! Os seus dedos apalparam o ovo, esmagaram-no e meteram metade na boca (...)
- É um perdido e Deus fê-lo tão belo para a sua desgraça.
Sentiu um desejo violento de beijar as faces e o colarinho puro do filho e, ao mesmo tempo, voltou a ver os cabelos e o andar rápido da Sra. de Valdonne. Levantou a cabeça e viu no espelho seu rosto envelhecido, impróprio para as alegrias do sangue e da terra. (COHEN, 1958, 64)²³

²² Que de bienfaits lui sont venus d'Adrienne ! C'est grâce à ses leçons qu'il a pu passer la première partie du baccalauréat au collège français d'Athènes. (...) Tant de bienfaits. Si discrètement elle lui a appris les bonnes manières, l'a guidé dans ses achats de livres. (...) Ce qu'il aime le mieux c'est quand elle lui arrange ses cheveux. Elle dit qu'il a dix mille serpents noirs sur sa tête et tout petits. Et elle l'appelle Prince Soleil ou Solal Ensoleillé ou le Cavalier du Matin. (COHEN, 1958, 53)

²³ Dans la chambre aux volets clos où crépitaient les veilleuses oubliées, Gamaliel agenouillé sur un coussin de velours. Près de lui, l'oeuf dur dont se nourrissent les endeuillés.

Enquanto isto, o tio Saltiel se extasia com a conquista do sobrinho e o segue em seu caminho até a Itália e a França, para entregar-lhe uma soma vultosa que lhe foi confiada pela mãe de Solal, sua irmã Raquel. Encaminha-o, então, para um colégio interno em Aix-en-Provence, e se empenha em integrá-lo na vida e na sociedade da *douce France*.

Se a crítica, de um modo geral, destaca o tema da paixão amorosa nesta obra de Cohen, é preciso considerar que o tema da condição judaica nela ocupa um lugar igualmente importante: ser judeu, especialmente na França, é representado por Cohen como uma catástrofe, como algo de que o protagonista da narrativa gostaria de se livrar, em sua transformação, mas não pode.

O luto comunitário convocado pelo rabino Gamaliel receber a notícia da condenação do Capitão Blum, *alias* Dreyfus, se repete quando ele recebe a notícia da fuga do filho com Adrienne de Valdonne. Há uma correspondência interna entre os dois episódios: a condenação do Capitão Dreyfus significou um sinal de alerta para o antissemitismo na França e um limite evidente para o empenho dos *israélites* no sentido de deixarem para trás a insularidade judaica e ingressarem plenamente na sociedade francesa. E a fuga de Solal para a França significa sua tentativa de ingressar num mundo que, como já se tornou evidente, o repudia. Ainda assim, muitas portas se abrem para o jovem belo e sedutor, amparado por sua amante rica e influente:

Foi aprovado na segunda parte de seus exames de conclusão e recebeu uma carta do pai que, sem fazer qualquer referência à fuga, lhe pedia que regressasse imediatamente a Cefalônia. Por que voltar para lá? O mundo estava aberto e não vale a pena perder tempo. Ele tinha dinheiro e tinha dezassete anos. (COHEN, 1958, 78)²⁴

Paris. Aulas particulares. Os pais do pequeno brasileiro pagavam bem. Num café, fez amizade com pessoas da bolsa, ouviu e lembrou-se dos seus conselhos. Ao fim de um mês, os oito mil francos tinham-se multiplicado por cinco. Dez semanas depois, estava jogando com cem mil francos espalhados na cama. Rapidamente se fartou. Em oito dias, gastou os cem mil francos em pompa e presentes a estranhos simpáticos e saiu de Paris de mãos vazias e de cabeça leve.

En regardant les étoiles que de fois il avait songé que son fils était l'Attendu. La première prostituée sur son chemin et l'impudique l'avait suivie ! Ses doigts tâtonnaient, cherchaient l'oeuf qu'ils écrasèrent et dont il porta une moitié à la bouche. (...)

- C'est un égaré et Dieu l'a fait si beau pour son malheur.

Il sentait un désir violent de baiser les joues et le col pur de son fils et il revoyait en même temps les cheveux et la démarche rapide de Mme. de Valdonne. Il releva la tête et aperçut dans le miroir sa figure vieillie, impropre aux joies du sang et de la terre. (COHEN, 1958, 64)

²⁴ Il passa la deuxième partie de son baccalauréat et reçut une lettre de son père qui, sans faire aucune allusion à la fugue, lui demandait de revenir aussitôt à Céphalonie. Retourner là-bas, pourquoi ? Le monde était large et il ne fallait pas perdre du temps. Il avait de l'argent et dix-sept ans. (COHEN, 1958, 78)

Tinha de ir a qualquer lugar, captar o acaso, perder-se no movimento. (COHEN, 1958, 79)²⁵

As ideias capitalistas de acumulação de fortunas e de estabilidade, fundamentos da sociedade burguesa, não fazem qualquer sentido para Solal, que permanece como *outsider*, recusando-se a participar do culto ao dinheiro em si mesmo. É o sentimento, como entre os nobres poetas do amor cortês, que o move, a paixão amorosa, que subjuga os amantes e os mantém sob seu poder. Assim, em suas especulações na bolsa de valores parisienses Solal se porta como o jogador, uma das figuras de maior importância segundo escreve Walter Benjamin em *Paris, Hauptstadt des XIX Jahrhunderts*. Solal é arrebatado do mundo do pai, das tradições, para as seduções do continente da *déesse*, onde fica entregue às fantasmagorias do tempo. Ele joga por jogar, como se sua juventude fosse durar para sempre, e é como se o sentido deste jogo se esgotasse em si mesmo, num tempo que se repete indefinidamente, sempre igual. Sérgio Paulo ROUANET compara o tempo do jogador ao do operário na linha de montagem: “... o jogador está condenado, depois de cada lance, a recomeçar de novo, sem qualquer perspectiva de construir uma sequência ordenada, visando um objetivo final. (...) O jogador, protótipo do homem privado de experiência e, portanto cortado da tradição, não tem passado.” (ROUANET, 1993, 28) Este homem sem passado que Solal acaba por se tornar não só se opõe a seus antepassados, mas é incompatível com eles e essa incompatibilidade se evidencia nas dissonâncias que há no interior da obra de Albert Cohen e também na desarmonia estética de um texto que oscila, o tempo todo, entre dois registros: o cômico-grotesco, nas passagens que dizem respeito aos « Valereux » e aos judeus de Cefalônia, e o irônico-elevado naquelas que retratam o mundo dos suíços de Genève e dos franceses de Paris, por outro.

As mudanças de registro provocam rupturas no tecido narrativo e põem em xeque a unidade e a integridade do texto, que parece ter sido escrito por dois narradores distintos. As narrativas que dizem respeito aos “orientais” são exóticas e mesmo surreais, enquanto a sublimidade e a fina ironia que perpassa aquelas que dizem respeito aos ambientes ocidentais faz pensar em Proust e coloca Cohen entre os grandes estilistas da língua francesa de seu tempo.

Por meio deste contraste constela-se um duplo estranhamento: aos olhos dos orientais, os franceses ora são vistos com reverência e admiração, como acontece, ostensivamente, no caso de

²⁵ Paris. Préceptorat. Les parents du petit Brésilien payaient bien. Dans un café, il s'était lié avec des gens de Bourse, avait écouté et retenu. Au bout d'un mois les huit mille francs s'étaient multipliés par cinq. Dix semaines après, il jouait avec cent mille francs étalés sur son lit. Il en avait eu vite assez. En huit jours, il avait dépensé les cent mille francs en fastes et en dons à des inconnus sympathiques et il était parti de Paris, les mains vides et la poitrine légère. Il fallait aller n'importe où, capter le hasard, se perdre dans le mouvement. (COHEN, 1958, 79)

Saltiel, ora são vistos com repulsa e como os instrumentos da cólera divina, como no caso do rabino Gamaliel. Quanto aos judeus, ora eles exercem sobre os franceses (e as francesas) uma atração irresistível, ora são vistos como criaturas abjetas:

Pobre filho da Lei e das cebolas cruas, o que fazia ele no meio desta raça vermelha de carnes vermelhas e duchas gelados? Se corasse, talvez o comessem. Ele viu um povo forte e desprezou o tumulto inútil do seu coração. Israel era um pobre rouxinol, um velho pássaro depenado que se desfazia na noite dos séculos, enquanto as jovens nações construíam seus impérios. (COHEN, 1958, 138)²⁶

A paixão do jovem Solal por Adrienne de Valdonne, é o primeiro passo em direção à sua perdição. A partir de sua fuga para a Europa, ele passará pelo auge da riqueza e pelos abismos da miséria, do poder e da humilhação, da saúde e da doença, da beleza e da feiura, do amor e do ódio, sem que lhe seja possível alcançar qualquer tipo de estabilidade ou segurança. O abandono definitivo de todas as certezas, a renúncia à vontade, a entrega a uma errância qual já não se reconhece mais nenhum sentido, mas apenas a força das circunstâncias, sempre mutáveis, será seu destino.

Livre do estoicismo dos discursos paternos, o horizonte de Solal se torna, por assim dizer, unidimensional. Sua tragédia é a tragédia neo-pagã do homem devorado pela materialidade do mundo, das emoções momentâneas e do efêmero: seu exílio representa a ruína de quem se entrega às seduções infinitas dos cantos das sereias.

É neste sentido que *Solal* é um romance sobre o desencanto e a decepção: à medida que se desenvolve a narrativa, Adrienne de Valdonne e todas as promessas e esperanças que ela encarna e representa revelam-se como uma espécie de Pandora moderna: sob a capa do seu esplendor irresistível, a França – e a Europa do século XX – oculta, em novas formas, as desgraças que são parte da condição humana desde sempre, e da condição judaica em especial.

O reino messiânico prometido pelo cristianismo tanto quanto pela revolução, pelo progresso tanto quanto pelo alvorecer da era burguesa, aos poucos desenrola o fio de suas maldições: *Solal*, é, também, um romance sobre a impossibilidade da formação, um *Bildungsroman* às avessas, um desmascaramento da própria ideia burguesa de formação e uma narrativa na qual se representa o aspecto devorador de um mundo no qual, aparentemente, nada se antepõe à liberdade e à felicidade do homem.

²⁶ Pauvre fils de la Loi et des oignons crus, que faisait-il au milieu de cette race rouge de viandes rouges et de douches glacées ? S'il rougissait, ils allaient le manger peut-être. Il voyait un peuple fort et méprisait les tumultes inutiles de son coeur. Israël était un pauvre rossignol, un vieil oiseau déplumé qui s'égoillait dans la nuit des siècles tandis que les nations jeunes construisaient leurs empires. (COHEN, 1958, 138)

Introduzido num mundo de dúvidas, hibridismo, apostasia, neo-marranismo e ecletismo, Solal descreve uma trajetória paradigmática da própria modernidade, à qual nada é mais estranho do que a pureza. A integridade judaica do mundo pré-burguês, representada pelo pai, com seu enraizamento na tradição e sua erudição, é preterida ante o caráter sincrético que caracteriza a linhagem materna, com suas dissonâncias, com suas rupturas e contradições, e sobretudo com suas ilusões, representada pelo tio Saltiel.

Solal é uma espécie de Ulisses moderno, para quem o *nostos* já é uma impossibilidade, pois o mundo do qual ele veio já não existe mais, e a origem perdida, cultuada no messianismo judaico, já foi perdida de vista. A tragédia de Solal é, também, e talvez mais do que tudo, a tragédia do desvelamento e do desmascaramento de mais um falso Messias.

A inserção na sociedade, a harmonização e o entendimento do protagonista com o mundo à sua volta é o desfecho previsível do romance de formação. Na trajetória de Solal, porém, qualquer tipo de inserção é, desde o início, impossível. Sua aventura em direção ao futuro revela-se como ilusão: ele permanece, sempre, como o estranho, o estrangeiro e os sofrimentos da *galut*, dos quais ele imagina livrar-se ao deixar para trás as restrições do mundo do pai e ao trocar Cefalônia pelas promessas da terra da liberdade, afinal se multiplicam exponencialmente em suas errâncias por todos os estratos da sociedade francesa, contaminados pela praga do antissemitismo.

O amor não correspondido dos judeus pela França revolucionária, o desejo de tornar-se francês e ao mesmo tempo o reconhecimento de que este desejo nunca se concretizará são o destino de Solal que, ao esquecer deliberadamente o mundo do pai, imagina obliterar aquela parte de si mesmo que não é compatível com seu desejo: suas memórias, sua herança.

O momento culminante neste processo malogrado de tentativa de apagamento das origens é o sinal da cruz que ele faz diante do próprio pai quando este surge, inesperadamente, em meio a uma cerimoniosa recepção para diplomatas organizada pelo empregador de Solal, o poderoso M. Maussane:

Solal lançou um olhar venenoso para o homem que, tendo vindo ali para ridicularizá-lo e para destruir uma vida que ele tinha trabalhado tanto para construir, tinha a estúpida audácia de sorrir. Enlouquecido de vergonha, avançou para atacar. Mas uma súbita inspiração fê-lo parar. Com os olhos ardentes de malícia, fez lentamente o sinal da cruz com prazer. (...) Depois, Gamaliel olhou para o filho morto, pôs a mão na gola do seu manto preto. Puxou o pano, que se rasgou, levantou os braços como que louvando o Deus do castigo, e saiu. (COHEN, 1958, 240)²⁷

²⁷ Solal lança un regard venimeux sur cet homme qui, après être venu le ridiculiser, briser une vie péniblement construite, avait la stupide audace de sourire. Fou de honte, il s'approcha pour frapper. Mais une inspiration subite le fit s'arrêter. Les yeux ardents de malignité, il fit lentement, avec délices, le signe de la croix. (...) Alors Gamaliel regarda le fils mort, crocha la main au col de son vêtement noir. Tira l'étoffe qui se déchira, leva les bras comme s'il louait le Dieu du châtiment et sortit. (COHEN, 1958, 240)

O próprio M. Maussane, por sua vez, confessa a Solal que tem antepassados judeus, como quem confia um grande segredo. Em sua fala, Maussane apenas alude à ascendência judaica, ao dizer que sua avó veio da Alsácia:

- Repito, concluiu M. de Maussane, ama os teus pais, mas de longe, em nome do céu, de longe! Não te zangues, meu amigo, e deixa-me dizer-te uma coisa com toda a confiança: a minha bisavó, sim, perfeitamente, da Alsácia (COHEN, 1958, 235)²⁸

O mito da distância se torna, para ele, uma espécie de paradigma. O assimilacionismo é impensável sem o esquecimento, mas quanto mais Solal se empenha em esquecer, tanto mais o mundo à sua volta o lembra de sua condição judaica, inevitavelmente catastrófica:

Aqui estava ele, Solal, chegando para amá-los a todos. Resposta: Judeu sujo! Tinha as mãos cheias de rosas e estendeu-as a eles. Resposta: Judeu sujo! As salas de espera e os gendarmes durante a noite e o passaporte examinado com desconfiança. “Esta raça dá-me arrepios”, disse o vendendor da mercearia. E para ele aquilo era como se não fosse nada, porque ele tinha riso e dentes. Mas havia toda a dor. (COHEN, 1958, 133)²⁹

Ao mesmo tempo, o tio Saltiel recomenda a Solal que aceite as injúrias que M. Maussane profere: « Sois respectueux avec Monsieur de Maoussane. Ne te fâche pas avec lui, supporte s’il te dit un petit mot de trop. Que veux-tu, nous devons supporter, nous autres ! Avant tout vivre. » (COHEN, 1958, 156)

O reconhecimento da instabilidade do mundo, da precariedade das instituições, das regras, dos costumes consolidados; a consciência do ridículo que está em todas as encenações do espetáculo da vida em sociedade, saltam à vista quando comparados à vida na ilha de Cefalônia, que sempre se coloca sob o signo do sonho, do fantástico, do surreal e do aparentemente privado de sentido.

²⁸ Je le répète, conclut M. De Maussane, aimez vos parents, mais de loin, au nom du ciel, de loin ! Ne vous fâchez pas, mon ami, et laissez-moi vous dire una chose en toute confiance : mon arrière-grand-mère, oui, parfaitement, d’Alsace. (COHEN, 1958, 235)

²⁹ Voici il était Solal, il arrivait et il les aimait eux tous. Réponse : Sale Juif ! Ses mains étaient chargées de roses et il les leur tendait. Réponse : Sale Juif ! Les salles d’attente et les gendarmes dans la nuit et le passeport scruté avec méfiance. Cette race moi ça me donne le frisson, disait l’épicière. Et lui ce n’était rien car il avait le rire et les dents. Mais il y avat toutes les douleurs. (COHEN, 1958, 133)

O sucesso aparentemente inexplicável de Solal nos círculos da elite europeia, que se alterna com a rejeição a ele nestes mesmos círculos, parece dever-se a seu exotismo, à sua ousadia, que se choca com o culto às aparências levado a cabo nesse meio. Solal toma seus interlocutores de surpresa, neles provoca um misto de admiração e repulsa, que os deixa perplexos e também desarmados. É como se, ao entoar uma dupla voz, que conjuga a paixão do oriental, do selvagem, do outro, que é também o judeu, com a habilidade em dominar os discursos convencionais do ambiente da elite política, econômica e cultural da sociedade burguesa, ele exercesse um fascínio irresistível. Esta dupla voz, com suas dissonâncias perturbadoras, deixa sem ação os interlocutores de Solal e os coloca, por assim dizer, à sua mercê.

Solal irrompe nos círculos da *civilisation* para subverter suas hierarquias e regras por meio do erotismo. A instabilidade é essencial ao erotismo: a acomodação às circunstâncias estáveis, isto é, às estruturas sociais, é incompatível com sua natureza e o desejo disciplinado e saturnino da sociedade patriarcal, o quadro estável das instituições religiosas, mas também políticas e militares, representam sua morte. A paixão de Solal é a paixão da errância e do desejo e é o desejo de desejar. Ele nunca se mostra satisfeito com suas conquistas: possui fortuna, posições, as mulheres que ama, e descarta tudo isto com a mesma facilidade com que conquistou. O desejo atormenta Solal, mas ele deseja a tormenta e não suporta a satisfação. Tudo é um jogo, uma euforia cuja finalidade é o próprio jogo, um jogo que se esgota em si mesmo. Como o próprio Eros, Solal está sempre em busca e em movimento. Esta lei inescapável de seu ser é, também, sua ruína: ele morre desejando, morre de desejo e também, como suicida, deseja morrer. Afinal, o desejo depende da distância, e se rompe com a proximidade.

O suicídio – talvez o pior de todos os crimes do ponto de vista da lei judaica – é a trágica culminação do percurso de um falso Messias por uma falsa Terra Prometida. Ruptura, profanação, recusa a todas estruturas estáveis – Solal é um revolucionário sem causa. Em suspensão entre dois mundos, ele é a alegoria do judeu no mundo moderno, que espera poder existir em meio às identidades, pagão em aparência e judeu em seu destino, distante de sua origem tanto quanto do destino desejado, ele desaba.

Seu amor por Adrienne de Valdonne e pela França se revela como ilusão e cegueira. Sua vida, que se volta contra a própria vida, imita a morte e o que visa, por meio dessa imitação é talvez, afinal, o que visam todos os mimetismos: aproximar-se da essência de algo percebido como superior.

Referências

ABECASSIS, Jack. *Albert Cohen : dissonant voices*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2004

BANON, David. *L'attente messianique – Une infinie patience*. Paris: Cerf, 2012

BENSOUSSAN, Georges. *Juifs en pays arabes : le grand déracinement*. Paris : Taillander, 2020

COHEN, Albert. *Solal*. Paris: Gallimard, 1958

GRAETZ, Michael. *Les juifs en France au XIX siècle*. Paris : Seuil, 1989

MAIMONIDES, Moses. *Querschnitt durch sem Werk*. Köln: Verlag Jakob Hegner, 1966

ROUANET, Sérgio Paulo. *A razão nômade: Walter Benjamin e outros viajantes*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993